

A PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA ECA/USP

Edmir Perrotti¹

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos promotores deste evento - ANCIB, UFMG, CNPq - a oportunidade que nos dão de participar de reunião científica tão importante e de apresentar algumas considerações sobre a pós-graduação do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP. É seguramente uma honra estar aqui para expor, ainda que de forma sucinta, algumas questões referentes ao nosso curso.

Para abordar o tema, não pude abrir mão de um recorte histórico. E isto porque toda a atividade acadêmica do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (CBD) da USP está profundamente marcada pelas suas origens, ou seja, pela estreita vinculação com os cursos de comunicação da ECA, onde está sediado. Na verdade, nosso curso de graduação nasceu junto com a própria ECA, sendo um dos que formavam a nova unidade da USP; da mesma forma, nossa pós surgiu enquanto sub-área da pós-graduação em Ciências da Comunicação, isto é, mesclada às comunicações.

Tão estreita relação conferiu aos cursos e demais atividades do Departamento uma acentuada vocação interdisciplinar, uma abertura tal para outras especialidades que, dificilmente, a fragmentação do saber, produzida por especializações estreitas, terão lugar de honra no CBD. Nossa história possibilitou um contato rico com a diversidade da ECA e, desse modo, aprendemos a conviver com diferentes campos e saberes. Por outro lado, para se constituir, a própria ECA foi obrigada a recorrer a professores de diferentes cursos da USP, em especial aos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Desse modo, o ambiente da ECA favoreceu também a que se pensasse os fazeres profissionais específicos em consonância com pressupostos abrangentes, universalistas, o que significou, felizmente, um poderoso antídoto ao tecnicismo.

Todavia, como os fazeres humanos não são jamais perfeitos, a vinculação CBD-ECA revelaria também alguns pontos problemáticos. Um deles, foi uma certa tendência à diluição da identidade dos cursos, especialmente porque estamos numa área que até hoje tem dificuldade em definir com clareza seu objeto. É a biblioteca, isto é, o espaço? Ou é o documento, o suporte? É a informação, um elemento impalpável que pode ser tudo e pode ser nada dependendo do ângulo de visão? Ou seria tudo isso junto, apesar dos riscos permanentes de autêntica

salada científica? Além desse problema, havia também o da própria área das comunicações e suas dificuldades para definir seu objeto de estudo. Tudo, enfim, contribuindo para que a identidade dos cursos muitas vezes não aparecessem com a nitidez necessária.

Desse modo, o casamento precoce de parceiros que ainda não tinham definido com clareza sua auto-imagem produziu muitas vezes sérias dificuldades ao reconhecimento, gerando ambigüidades que persistem até hoje. Por exemplo, temos atualmente graduação em Biblioteconomia e Documentação e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Documentação.

Em que pesem os problemas, a verdade é que neste quarto do século o CBD conseguiu construir as bases para a produção de conhecimentos em Ciência da Informação, na USP. Tal processo deu-se num continuum cujas etapas valem à pena ser retomadas aqui, pois o exame é com certeza revelador não só de um processo "sui generis", mas também dos caminhos gerais da pesquisa e ensino em Ciência da Informação no país.

À falta de termos talvez mais próprios, para caracterizar essas etapas utilizarei imagens que podem ser imprecisas, mas que, de alguma forma, dão a medida do processo. Desse modo, nossas atividades de ensino e pesquisa poderiam ser distribuídas em pelo menos três categorias: infância, juventude, início de maturidade ou maturidade incipiente.

A infância vai do início do Departamento, em 1967, até fins dos anos 80 e portanto durou pelo menos duas décadas. Caracterizam esse momento "heróico", entre outras coisas: a implantação dos cursos de graduação (1967) e pós-graduação (1972); a titulação dos primeiros mestres e doutores; a busca de professores de outras áreas para engrossar a equipe e de colaboradores externos para cobrir buracos de pessoal em áreas específicas; as pesquisas de caráter individual, visando sobretudo a obtenção de títulos acadêmicos necessários à constituição e desenvolvimento do Departamento; as disciplinas de pós enquanto agrupamento de colaborações díspares; orientadores nem sempre especializados nos temas que orientavam.

Se a infância foi longa, a juventude durou pouco, podendo talvez ser situada entre fins dos anos 80 até 1993, quando o curso de pós-graduação tornou-se independente, separando-se do de Ciências da Comu-

1. Professor Titular do Departamento de Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo,

nicação. Caracterizam esse momento, por exemplo: a organização da pós-graduação em áreas e linhas de pesquisa; a existência de um quadro que conta já com vários doutores e mestres, o início de um processo de pesquisas classificadas por áreas; a existência de orientadores especializados nos temas que orientam; início de pesquisas com apoio de agências financiadoras; contato com universidades no exterior, propiciando a vinda de pesquisadores estrangeiros, assim como a ida de professores para centros de pesquisa no exterior, projetos grupais tentando tomar forma e volume; início de discussões para a constituição de uma pós autônoma em Ciência da Informação; aprovação pela reitoria do projeto da nova pós: mestrado e doutorado em Ciência da Informação e Documentação.

O terceiro momento, o do início da maturidade ou da maturidade incipiente, começou a pouco, em agosto de 1993, com a primeira turma do novo curso de pós, com áreas de concentração em Ação Cultural, Análise Documentária e Geração e Uso da Informação. Entre outras coisas, marcam esse momento, além do novo curso; início de implantação de laboratórios de pesquisa; criação de sub-programas articulados, reunindo professores de diferentes áreas em trabalhos comuns de pesquisa, ensino e extensão (PROESI - Programa Serviço de Informação em Educação; Observatório de Política Culturais); início de discussões sobre orçamentos para pesquisa, vale dizer, preocupações com a explicitação de uma política de pesquisa do Departamento; aumento significativo da participação de alunos bolsistas nos projetos do Departamento.

Em função do exposto, é possível tentar extrair daí algumas considerações, a saber: o curso de pós-graduação do CBD/ECA/USP (e as pesquisas aí realizadas)

1) tendeu sempre a afirmar uma compreensão interdisciplinar da Ciência da Informação, graças à forma como se constituiu, em vinculação estreita com as comunicações;

2) sofreu e sofre ainda com dificuldades próprias da área, ou seja, com a falta de clareza e precisão quanto ao objeto de que se ocupam. Tais dificuldades aumentam na medida em que a área das comunicações passa por igual dificuldade, ou seja, na medida em que ambos os parceiros apresentam sérios problemas de identidade;

3) foi fruto principalmente do esforço e da vontade de professores e pesquisadores em construir um espaço de produção científica em Ciência da Informação, na USP;

4) começa na atual etapa a tentar superar o voluntarismo, uma vez que seus professores/pesquisadores já se deram conta concretamente dos limites de tal caminho na criação científica. Desse modo, novos modelos de organização da produção científica começam a se esboçar, modelos em que o pesquisador liberal cede seu lugar para nova concepção de pesquisador e do pesquisador profissional, isto é, daquele que realiza projetos de e para uma instituição e não apenas na instituição; aquele que troca sua capacidade de trabalho intelectual por um salário mensal, mesmo se este possa muitas vezes ser incompatível com a natureza do trabalho realizado;

5) mostra que, apesar da necessidade de superação do modelo voluntarista, não se pode abandonar o seu mais caro produto: a liberdade de criação. A passagem do modelo voluntarista para outro de bases racionalistas, com políticas, planejamento e tudo o mais, não pode colher a pesquisa e o ensino, não pode impedir ou dificultar o florescimento do talento, da criatividade, da iniciativa de cada pesquisador;

6) mostra que houve mais acertos que erros nos caminhos adotados, que professores e pesquisadores souberam conduzir com competência o processo de construção de uma área de estudos na USP, souberam fazer opções. E, convenhamos, isso não pe pouco. Como diz Hannah Arendt, o discernimento é a qualidade essencial do homem público, vale dizer, do homem não-massificado. Nesse sentido, nossos pesquisadores tornaram-se não só o especialistas respeitados nas áreas em que atuam como também afirmaram-se como pessoas profundamente envolvidas com os interesses da "polis", da vida pública.

Como se pode ver, o cordão umbilical foi cortado, mas a Ciência da Informação, na USP, soube continuar fiel a suas origens, é especialidade nos termos das necessidades de divisão do saber na época contemporânea, mas é também saber articulado com outros saberes, saber humanista. Com muita luta e firmeza seus professores/pesquisadores souberam inscrever o curso na melhor tradição universitária. Cabe-nos agora tentar consolidar tal inserção e avançar rumo à maturidade plena.